



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-339-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.399212707>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização no Mundo* trata das diferentes simbologias que a literatura pode assumir nos diversos contextos históricos em que se apresenta. Sendo o papel da literatura a transcendência da experiência humana, os artigos que constituem os dezessete capítulos deste livro a tematizam e apresentam, em seu imenso campo teórico-crítico, diferentes abordagens metodológicas possíveis nos estudos literários.

Nesse sentido, há estudos desde a obra de José de Alencar e Machado de Assis até reflexões sobre o papel da literatura como formadora na escola hodiernamente. Há, ainda, estudos sobre autores modernistas, como Drummond, e contemporâneos, como Rubem Fonseca. Apesar de apresentar autores pouco estudados como *corpus*, como França Pinto e Alciene Ribeiro, não deixa os consagrados de lado, como Alberto Caeiro e os referidos autores romântico e realista brasileiros.

Assim, o volume reúne diferentes artigos que buscam entender a simbolização da literatura no mundo sob diversos vieses. Buscando, muitas vezes, entender seu papel formador na escola e, outras, arriscando interpretações ousadas da poesia de autores consagrados e pouco estudados, como referido anteriormente. Outrossim, as diferentes abordagens da literatura nos capítulos do volume apresentam algo em comum: a busca pelo entendimento sobre a literatura – sua função transcendental e possíveis leituras de diferentes autores.

Por fim, o livro busca colaborar para a comunidade científica no ramo dos estudos literários – graduandos, graduados, pós-graduandos, mestres e doutores – sobretudo no que diz respeito aos universos literários possíveis. Espera-se, assim, que seus artigos que compõem os capítulos – e seu grito uníssono quanto à importância dos estudos literários – corroborem para com a experiência científica em diferentes níveis acadêmicos.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A FALA DOS SERINGUEIROS AMAZÔNICOS NA FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127071>

CAPÍTULO 2..... 10

VERSOS DA TRADIÇÃO ORAL: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA COM AS QUADRINHAS POPULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Rosana do Rêgo e Silva

Ana Rosa Costa Picanço Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127072>

CAPÍTULO 3..... 18

LITERATURA INFANTIL: ACESSO À CULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Yaeko Nakadakari Tshako

Dagoberto Buim Arena

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Letícia Barboza Petrucelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127073>

CAPÍTULO 4..... 29

UM PRÍNCIPE NO JARDIM DAS ROSAS: ENTE E EXISTÊNCIA EM *O PEQUENO PRÍNCIPE* (1944)

Marcus Baccega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127074>

CAPÍTULO 5..... 43

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EM DESTAQUE A APRENDIZAGEM A PARTIR DA LITERATURA

Elisangela Alves dos Reis

Marlene Sampaio da Silva Miranda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127075>

CAPÍTULO 6..... 58

A LITERATURA SEGUNDO ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE VÁRZEA GRANDE/MT

Simone Sanches Vicente Moraes

Soraya do Lago Albuquerque

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Yara Reis Cardoso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127076>

CAPÍTULO 7	71
A JUSTIÇA EM LUGAR DO CURTO-CIRCUITO DA VINGANÇA: UMA VISÃO DA <i>ORÉSTIA</i> E DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PARA A EQUIDADE DE PAUL RICOEUR	
Hilda Helena Soares Bentes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127077	
CAPÍTULO 8	83
JUVENTUDE E CULTURA NO SÉCULO XXI: A LEITURA LITERÁRIA	
Rosimeiri Darc Cardoso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127078	
CAPÍTULO 9	92
PERDA GESTACIONAL E MORTALIDADE MATERNA COMO ELEMENTOS DE REDENÇÃO EM LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3992127079	
CAPÍTULO 10	98
ENTRE LAÇOS E LANÇAS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA ATRAVÉS DA METAFICÇÃO HISTÓRICA DE <i>O RETRATO DO REI</i>	
Cristina Reis Maia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270710	
CAPÍTULO 11	113
PATRIARCADO E PATERNIDADE EM HELENA DE MACHADO DE ASSIS	
Tamara Cecília Rangel Gomes	
Clarisse Conceição Rangel Gomes	
Lívia Vasconcelos de Andrade	
José Alexandre	
Ethmar Vieira de Andrade Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270711	
CAPÍTULO 12	120
SERVIDÃO, SUBMISSÃO E LIBERAÇÃO FEMININA EM CONTOS DE ALCIENE RIBEIRO	
Natália Tano Portela	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270712	
CAPÍTULO 13	127
ESCRITAS DO URBANO E DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DIVIDIDA: ESTUDO DOS CONTOS A <i>ARTE DE ANDAR NAS RUAS, O COBRADOR</i> (E OUTROS CONTOS), DE RUBEM FONSECA	
Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro	

Francisca Carla Soares da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270713>

CAPÍTULO 14..... 141

A POESIA DO RIO-GRANDINO FRANÇA PINTO

Mateus Santana Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270714>

CAPÍTULO 15..... 149

O EROTISMO EM POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Fábio Ferreira Lopes

Maria do Socorro Souza Silva

Maria Lidiana Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270715>

CAPÍTULO 16..... 158

A ONTOLOGIA DO SINGULAR NA POESIA DE ALBERTO CAEIRO

Marcos Vinício Guimaraes Giusti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270716>

CAPÍTULO 17..... 165

A MEDIDA DO MUNDO, DE DANIEL KEHLMANN: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA CIÊNCIA

Carla Luciane Klos Schöninger

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.39921270717>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 174

ÍNDICE REMISSIVO..... 175

CAPÍTULO 13

ESCRITAS DO URBANO E DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DIVIDIDA: ESTUDO DOS CONTOS *A ARTE DE ANDAR NAS RUAS, O COBRADOR (E OUTROS CONTOS)*, DE RUBEM FONSECA

Data de aceite: 23/07/2021

Data de submissão: 05/07/2021

Maria Iranilde Almeida Costa Pinheiro

Universidade Estadual do Maranhão

São Luís – MA

<http://lattes.cnpq.br/9909757313049374>

<https://orcid.org/0000-0002-6103-9289>

Francisca Carla Soares da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

São Luís – MA

<http://lattes.cnpq.br/2578495380873519>

RESUMO: A literatura constrói um olhar plural que procura representar a experiência urbana, enquanto fenômeno multifacetado, caótico, desumano e, também, negador de subjetividade. Dessa forma, pensar a literatura contemporânea é inevitavelmente nos ocuparmos dos modos de figuração do espaço nessas narrativas que nascem, em sua maioria, sob a égide do urbano, do cosmopolitismo, dos embates que os sujeitos empreendem diante do lugar que vivem e transitam, e elaboram suas frágeis construções identitárias. Nessa medida, pretende-se estudar a construção simbólica da experiência urbana brasileira a partir da análise de representação da cidade numa seleção de narrativas contemporâneas que exploram a complexidade da vida nas grandes cidades e seus efeitos sobre os processos de subjetivação, sensibilidades e formas de convívio social. Para esse fim serão contemplados na pesquisa os textos: *A arte*

de andar nas ruas do Rio de Janeiro (2009), *O cobrador* (1979) e, outros contos, de Rubem Fonseca.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Representação. Ficção Contemporânea.

WRITINGS OF THE URBAN AND OF VIOLENCE IN A DIVIDED CITY: STUDY OF SHORT STORIES *THE ART OF WALKING IN THE STREETS, THE COLLECTOR (AND OTHER STORIES)*, BY RUBEM FONSECA

ABSTRACT: Literature builds a plural look that seeks to represent the urban experience as a multifaceted phenomenon, chaotic, inhuman and, also, denying subjectivity. In this way, thinking about contemporary literature is inevitably dealing with the ways of figuration of space in these narratives that are born, in their majority, under the aegis of the urban, cosmopolitanism, the clashes that subjects undertake before the place they live and transit, and elaborate their fragile identity constructions. To this extent, it is intended to study the symbolic construction of the Brazilian urban experience from the analysis of the representation of the city in a selection of contemporary narratives that explore the complexity of life in large cities and its effects on the processes of subjectivation, sensibilities and forms of coexistence Social. For this purpose, the following texts will be included in the research: *The art of walking in the streets of Rio de Janeiro* (2009), *O conductor* (1979) and other short stories by Rubem Fonseca.

KEYWORDS: City. Representation. Contemporary Fiction.

A literatura constrói um olhar plural que procura representar a experiência urbana como fenômeno multifacetado, caótico, desumano e, também, negador de subjetividade. Dessa forma, pensar a literatura contemporânea é inevitavelmente nos ocuparmos dos modos de figuração do espaço nessas narrativas que nascem, em sua maioria, sob a égide do urbano, do cosmopolitismo, dos embates que os sujeitos empreendem diante do lugar que vivem e transitam, e elaboram suas frágeis construções identitárias. Neste sentido, a cidade tem se configurado, cada vez mais, como um espaço de destaque na literatura brasileira contemporânea.

Nesse cenário, tem-se como principal marca uma paisagem já não mais homogênea; mas multiforme e, portanto, sendo sua principal característica o transitório, cuja modulação desses elementos díspares constitui um paradoxo que remete a própria noção de modernidade. Por esta razão, este trabalho visa refletir os discursos que tecem as narrativas, alocados num ambiente de expressão da condição humana, a partir da análise de cinco contos de Rubem Fonseca: *A arte de andar nas ruas do RJ* (2009), *Feliz ano novo* (2012), *O Cobrador* (1979) e *Passeio noturno I e II* (2012), enfocando o espaço citadino no qual as narrativas desdobram-se como palco de violência e desigualdade e onde a subjetividade desses personagens é interrompida pela inconstância das relações sociais.

Nessa medida, o conto *A arte de andar nas ruas do RJ* (2009), de Rubem Fonseca, relata uma experiência urbana que trata de ausências e perdas, do que escapa e do que não tem mais lugar. O personagem Augusto, escritor andarilho da Cidade Maravilhosa, movimenta-se pela urbe tentando encontrar nela o que se perdeu, a cidade que já não há. E nesse exercício de reconstrução de uma memória de espaços e afetos, depara-se com a violência, seus excluídos e marginalizados. Augusto registra a cidade polifônica, que fala por si mesma, tentando, com a escrita de seu livro, descobri-la, alimentado pelo desejo de tornar legível o espaço urbano.

Ainda procurando apresentar um retrato vivo das grandes cidades, Rubem Fonseca, no conto *O cobrador* (1979), volta-se para a cidade desigual que cria seus animais sociais. Sujeitos desassistidos, negados socialmente, excluídos, que nada têm e, no caso do conto *O cobrador*, cobram o que lhes foi subtraído. A experiência urbana comparece pelo brutal que a cena violenta confere ao texto, desnordeando a passividade do leitor. Assim como *O cobrador*, outros contos fONSEQUEANOS, como *Passeio Noturno I e II*, *Feliz Ano Novo*, revelam a realidade marginal, sombria e cínica da grande cidade. A realidade presentificada nesses contos aponta para um realismo cruel, designado por Bosi (1975) como *brutalismo*. A prosa econômica, enxuta e direta fará escola e mostrará a personagem sujeita a uma experiência urbana cindida nos seus valores mais humanos e solidários.

Nesses contos de Rubem Fonseca, a cidade passa a ser um teatro, no qual muitas vozes ecoam, inclusive, em conflito entre si. Tal ficção transita por entre lugares, muitos deles de exclusão e invisibilidade, e potencializa no leitor a reflexão acerca de si e do outro, com o qual se choca no embate diário da vida na cidade.

A CONTÍSTICA DE RUBEM FONSECA

A contística de Rubem Fonseca, autor consagrado da literatura brasileira contemporânea, ocupa um lugar de destaque, em companhia de textos que revelam um Brasil para além da aura, cuja topografia literária tem como ponto de partida um lugar específico, um grande centro urbano, que divide realidades distintas: a dos que residem nas áreas centrais que congregam importância e poder e a os dos que estão alocados nas periferias destes centros. Mapeia-se não apenas a geografia dos aspectos físicos, mas também comportamentais, socioeconômicos e culturais:

Coexistem formas variadas de cultura, distanciadas entre si por estilos de vida, costumes, tradições, concepções morais, diferentes e muitas vezes antagônicas, uma cidade, pois dual, dois segmentos da cidade (...) a cidade é um espelho partido, que diversifica e faz proliferar o seu repertório de imagens (GOMES, pp. 126-127).

Por esse motivo, os contos fONSEQUEANOS - *A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro* (2009), *Passeio Noturno I e II* (2012), *O Cobrador* (1979) e *Feliz Ano Novo* (2012) -, serão o objeto de estudo nesta pesquisa, principalmente, por apresentarem a temática cidadina no tocante a leitura dos seres urbanos e do local e do modo como vivem.

A princípio, traz-se à cena e como maior ênfase nesse estudo, ao conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* (2009), por se tratar de um retrato vivo da dinamicidade e da fragmentação do sujeito pós-moderno nas grandes metrópoles, cuja análise procurará explicitar a necessidade sobre a qual o personagem Augusto/Epifânio sente de fazer o espaço urbano um texto legível.

Considerado um dos maiores ficcionistas do Brasil, José Rubem Fonseca nasceu na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, em 1925. Foi homenageado com vários prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti, no qual recebeu por seis vezes a mesma premiação, além de ter sido agraciado com o Prêmio Casa de las Américas, o Prêmio Machado de Assis, e duas vezes com o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Segundo o crítico literário Karl Erik Schollhammer, Fonseca prioriza em suas narrativas a realidade marginal voltada para o submundo carioca. Num estilo próprio “enxuto, direto e comunicativo”, Schollhammer (2009, p.27) destaca o escritor como um marco na literatura contemporânea, permeado por um estilo inovador de escrita, que não poupa traços realistas ao retratar a vida na grande cidade e, não somente, “Fonseca renovou a prosa brasileira com uma economia narrativa nunca antes vista, que marcaria as premissas da reformulação do realismo, cujo sucesso de público e de crítica consolidou um novo cânone para a literatura urbana brasileira” (idem, p.28).

No livro *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*, Renato Cordeiro Gomes dedicou seus estudos à literatura sobre a cidade, reservando alguns capítulos para a análise do personagem passeador de Rubem Fonseca. Nesta investigação do personagem, retrata-o como um “um corpo estranho na cidade” (GOMES, 2008, p. 170).

Em linha paralela, o teórico cultural e sociólogo, Stuart Hall, discute na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) a concepção de um sujeito pós-moderno que não possui uma identidade fixa e, justamente, por isso é caracterizado pelas identificações continuamente deslocadas. Por essa razão, o conto de Fonseca pode ser considerado o retrato do cotidiano desse homem urbano, marcado pelas identidades contraditórias e fragmentadas.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de unificação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

A MEGALÓPOLE CONTEMPORÂNEA NA ESCRITA FONSEQUIANA

No conto de Rubem Fonseca, *A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro* (2009), narrado em terceira pessoa, a cidade carioca é um espaço em que a experiência urbana é marcada pela descontinuidade. Deste modo, a cidade é retratada como aquela que vive em constante conflito, ou seja, o paradoxo de uma urbe que já se foi e a que ainda é; a coexistência entre a cidade antiga e a cidade nova; a cidade oficial e a cidade não-oficial: a zona sul habitada em sua maioria pela elite envolta numa paisagem moderna; e a zona central, que guarda um misto de antiguidade e modernidade, ou seja, representando a coexistência da área tradicional e da área moderna da cidade, de modo a resistir à homogeneização do espaço.

Já nas primeiras linhas do conto, o narrador nos apresenta Augusto/Epifânio, um andarilho, cujo projeto é a escrita de um livro que retrate a cidade. Nas palavras do narrador de *A Arte de Andar nas Ruas Rio de Janeiro*, “O centro da cidade é um mistério” (FONSECA, 2009, p. 14).

Não somente nesta passagem, o narrador entra no cenário por meio de incursões que reafirmam a sua onisciência, não se ocupa somente, portanto, das descrições dos personagens e da mera narração do conto; fato este evidenciado em determinados momentos da narrativa em as andanças do personagem e o pensamento do narrador ocorrem de forma simultânea, como se pode constatar na seguinte passagem: “Em suas perambulações Augusto ainda não saiu do centro da cidade, nem sairá tão cedo” (FONSECA, 2009, p. 15).

Por seu turno, ao apresentar o objetivo da escrita de Augusto, o narrador expõe a sua intenção literária desse personagem cada vez mais aproximada do utópico, uma empreitada que se realiza por meio das andanças pela cidade.

Ele pretende evitar que seu livro seja uma espécie de guia de turismo para viajantes em busca do exótico, do prazer, do místico, do horror, do crime e da miséria, como é do interesse de muitos cidadãos de recurso, estrangeiros

principalmente; seu livro também não será um desses ridículos manuais que associam o andar à saúde, ao bem-estar físico e às noções de higiene (...) nem será um guia arquitetônico do Rio antigo ou compêndio de arquitetura urbana; Augusto quer encontrar uma arte e uma filosofia peripatéticas que o ajudem a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade. Solvitur ambulando. (FONSECA, 2009, p. 24).

E cabe a Augusto/Epifânio, a tentativa de decifrar esse mistério. Um solvitur ambulando, “acredita que ao caminhar pensa melhor, encontra soluções para os problemas” (FONSECA, 2009, p.11). Nesta operação, o incessante perseguir da sintonia com a cidade, constitui-se uma tentativa que vai além da utopia de achar a cidade que se perdeu, mas especialmente de encontrar a si próprio, um processo que, ao invés de resultar na comunhão com a cidade, acaba por se tornar um afastamento do objeto de observação. Neste processo de distanciamento, a escrita que se desenvolve procura estabelecer o acordo tácito entre os espaços marcados pelas diferenças.

O narrador do conto fonsequeano, ao justificar a razão por que Augusto/Epifânio se mudou para o centro, especificamente no sobrado da chapelaria da Rua Sete de Setembro, demonstra criticidade ao descrevê-lo como um espaço multifacetado, indecifrável e de difícil captação. Do mesmo modo que o centro é diversificado e heterogêneo, assim são as pessoas que ainda residem nele. Neste sentido, o narrador expõe as representações desarmônicas e transitórias da “cidade sem aura” (GOMES,2008, p.171). Evidenciando que tal território é um espaço marcado pela poluição das grandes fábricas, pela instabilidade e pelos conflitos sociais.

Presencia, nestas andanças, retratos das metrópoles com seus espaços públicos e privados, e seus tipos sociais, frutos do fenômeno urbano: aglomerados de carros e pessoas, restaurantes, prédios, ruas, avenidas, estátuas, bares, árvores, chafariz; enfim, tudo que a cidade pode abarcar. Além da nomeação explícita de ruas e pontos turísticos.

Quando busca integração com a natureza, isso ocorre em lugares que são simulacros e que marcam a anulação com qualquer vida idílica, como a gruta artificial do Campo de Santana e a poluição da cidade.

Depois de ganhar um prêmio na loteria, o protagonista de *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* abandona o emprego na companhia de água e esgotos, dedicando-se exclusivamente à escrita do livro de título homônimo ao conto, adota “o nome de Augusto” (FONSECA, 2009, p.11), e ocupa-se de observar atentamente tudo e todos a seu redor. A partir da mudança de nome, assume uma outra identidade: a de escritor e andarilho. Sobre a origem do nome de Augusto, Gomes (2008) discorre:

[...] parece não ser mero acaso que, no rebatismo, o antigo funcionário da companhia de águas e esgoto - agora dedicado exclusivamente às letras - escolha o nome de Augusto. Provavelmente esta nomeação se remeta ao personagem Augusto Machado, o pseudo-autor (o autor ficcional) de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), de Lima Barreto. Este outro Augusto, por sua vez “Machado” (homenagem disfarçada ao autor de *Dom Casmurro*),

é biógrafo e interlocutor de Gonzaga de Sá nos diálogos e nas andanças pelo Rio de Janeiro que compõem o romance. Augusto Machado é o discípulo que aprendeu a ler a cidade com seu mestre. (GOMES, 2008, p. 171)

Augusto anota tudo o que vê ao caminhar pela cidade: “Ele caminha pelas ruas. Dia e noite, anda nas ruas do Rio de Janeiro” (FONSECA, 2009, p.11). Em suas andanças, Augusto está vigilante a tudo ao seu redor. Explorando vagarosamente e contemplativo aos múltiplos aspectos de áreas centrais da cidade carioca, livrando-a do esquecimento.

Fachadas, telhados, portas, janelas, cartazes pregados nas paredes, letreiros comerciais luminosos ou não, buracos nas calçadas, latas de lixo, bueiros, o chão que pisa, passarinhos bebendo água nas poças, veículos e *principalmente pessoas*. (FONSECA, 2009, p.12, grifos nossos).

No universo ficcional fonsequiano de *A Arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, o acesso a essa cidade ocorreria enquanto ela pudesse ser vivida, experienciada enquanto andança, pois, embora seja um *Solitur Ambulando* à procura de uma comunhão com a cidade mediante a escrita do que preencheria as linhas do primeiro capítulo do conto, este sinuoso caminho revela o quanto essa cidade é inacessível, e, de certa forma, conflitante no momento em que Augusto/Epifânio presencia os perigos, as exclusões e os que vivem à margem desta cidade.

Posto isto, quando escrevia, desenvolvia bem mais que a escrita de uma cidade, tentava decifrar sua existência como um processo de identificação do sujeito com o resgate histórico da cidade. O esforço em reconciliar os detalhes com o todo da paisagem urbana e sua trajetória de vida, torna-se uma tarefa impraticável; logo o “Rio de Janeiro perdeu a alma encantadora das ruas, não está mais religado a seus habitantes, mas antes em disjunção com eles” (GOMES, 2008, p. 171). E, mais, «(...) ler a cidade consiste não em reproduzir o visível, mas torná-la visível, através dos mecanismos da linguagem (GOMES, 2008, p.35).

Percorrendo áreas provisórias, na tentativa de reconstituição imaginária da cidade, tem-se nisso o fio condutor do trajeto pessoal de Augusto/Epifânio de ler/escrever a cidade estabelecendo-se com a conexão entre “Cidade e escrita, indissolivelmente ligadas, impulsionam-se pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo” (GOMES, 2008, p. 24).

A cidade, em *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, revela-se como um espaço que produz insegurança no sujeito, como na passagem em que Augusto anda apressado na rua para desviar-se de assaltantes que o perseguem: “de noite não basta andar depressa nas ruas, é preciso também evitar que o caminho seja obstruído” (FONSECA, 2009, p.76), confirmando uma convivência com a violência cada vez mais comum nas grandes cidades.

O centro que liga o antigo ao novo é o espaço escolhido pelo *flâneur* Augusto no esforço de resolver o caos da cidade dividida e a violência da destruição da memória. O velho metaforiza a cidade amistosa. Esta incomunicabilidade, cuja arma de combate

escolhida é a escrita, possivelmente opta por este espaço no centro da cidade, uma vez que ali ainda há uma paisagem que resiste ao processo de expansionismo urbano. É no centro que persistem as lembranças de Augusto/Epifânio de alguns acontecimentos de sua infância: “para na rua do Teatro e olha para o sobrado onde sua avó morava, em cima do que agora é uma loja que vende incenso, velas, colares, charutos (...) sempre que passa por ali lembra-se de um parente” (FONSECA, 2009, p. 33). Rememorações estas que aos poucos vão se apagando, à medida que a memória da cidade é destruída.

O texto enfoca a recuperação de Babel, a megalópole do caos e da incomunicabilidade, da fragmentação em átomos isolados. E mais: a discordância entre o ritmo da sensibilidade afetiva e o da metrópole; a recusa da cidade ilegível em que o habitante perde os referências de sua cartografia afetiva (GOMES, 2008, p. 165).

O resultado da fragmentação do sujeito contemporâneo é indicativo de uma desumanização que se traduz na indiferença para com o sofrimento alheio, fruto do desenvolvimento da cultura da individualidade e das formas de violência. Fato, este, perceptível no conto quando o pastor Raimundo cai desmaiado na rua “sem despertar a atenção das almas caridosas, da polícia ou dos transeuntes em geral” (FONSECA, 2009, p.67). Quando finalmente o pastor consegue se levantar, um camelô “finge que não vê seu sofrimento” (idem, p. 68).

Raimundo desde cedo tinha como ambição ser transferido “do centro para a Zona Sul e chegar ao coração dos ricos” (Fonseca, 2009, p. 14), o que torna perceptível a hierarquização dos espaços na metrópole, fragmentados entre ricos e pobres, como a personagem Kelly, desejosa de “botar um dente e trabalhar na Zona Sul” (FONSECA, 2009, 42). Kelly é uma jovem prostituta, a quem Augusto ensina a ler no anseio por prepará-la para ser uma futura leitora da cidade, portanto atenta à realidade a que está inserida.

Este processo de hierarquização é produto da Revolução Industrial e do desenvolvimento capitalista, alargando, neste contexto, mudanças e rupturas significativas no modo de vida urbana e refletindo no comportamento humano, alterando, deste modo, as relações sociais responsáveis pela atomização da sociedade pós-moderna.

O progresso na concepção que depende estritamente da noção de avanço material e da capacidade humana de auto-superação tecnológica, isto é, o mito do salto tecnicista com suas eventuais decorrências morais e sociais. Adere aos problemas do momento, sem aprofundá-los; fica na superfície da cidade, não nas suas entranhas. (GOMES, 2008, 117)

Possibilitando, desta maneira, novas leituras inscritas na temática cidadina. Benjamin (1989) contribui para a reflexão acerca dessa nova dinâmica do indivíduo no espaço urbano:

E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da

calçada à sua direita, para que ambas as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente; e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnante e ofensivos quanto mais esses indivíduos se comprimem num espaço exíguo” (BENJAMIN, 1989, p. 54).

Essa dispersão do sujeito, leva a perda dos lugares afetivos marcados pelos emblemas das megalópoles contemporâneas.

[...] estes são alguns dos sintomas que indicam a *ilegibilidade* das megalópoles contemporâneas, que intensificam o caos e sancionam uma espécie de *distopia*: “o não-plano de uma não-cidade”, na concepção de Lewis Mumford. (GOMES, 2008, p. 85, grifos do autor).

DO FLÂNEUR BAUDELAIRIANO AO ANDARILHO DE A ARTE DE ANDAR NAS RUAS

No século XIX, especificamente na cidade de Paris, houve uma expansão da metrópole capitalista que desencadeou em um processo de reconstrução da cidade. Charles Baudelaire, em *O Pintor da Vida Moderna* (2006), incorpora à tela do quadro urbano essa fragmentação. Sua poesia alegórica marca o estranhamento da cidade, que já não é mais vista de uma forma romantizada como na poesia lírica tradicional, mas explora, sobremodo, a figura do *flâneur*, cuja significação remete a um “passeador” e ‘andarilho” como um poeta-artista que percorre a cidade e seus arredores, na tentativa de compreender o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, a decadência do espaço urbano.

Nas décadas de 1830 e 1840, na Europa, houve uma visível mudança de ritmo na vida dos habitantes, decorrente do processo de urbanização e industrialização. Nesse cenário, nasce a figura do *flâneur*, personagem que inaugura uma nova percepção da cidade. Seu andar vagaroso contrasta-se com o andar acelerado dos trabalhadores das grandes fábricas, controlados pelos ponteiros do relógio que os acompanha em seu trajeto de trabalho. A linha de montagem das novas fábricas remodelou um novo tipo de experiência de vida, do tempo e do espaço.

Em seu ensaio crítico *O Pintor da Vida Moderna*, Baudelaire traz como referência Constantin Guys, um pintor designado na poesia por “C.G.”. Em sua visão idealizada do artista, Baudelaire o considera como o típico “homem do mundo”, aquele que se interessa pela multidão e cuja principal busca é a modernidade. Na ótica do autor, a modernidade caracteriza-se como o “transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (BAUDELAIRE, 2006, p. 859). Nesta perspectiva, o artista que se preocupa, somente em reproduzir as fórmulas já consagradas, inclina-se a produzir algo falso, ambíguo e escuro.

Por essa razão, o “homem do mundo” em sua prosa poética é aquele que expõe em

suas telas tudo que está relacionado às pequenas mudanças, aos detalhes, o que parece, a olhos comuns, insignificantes. É nestes pequenos detalhes em meio à multidão que transita pelo *boulevard* que o pintor moderno representa na mobilidade de seus elementos em suas pinturas.

Charles Baudelaire em sua prosa poética *O Pintor da Vida Moderna* desconstrói a visão de uma Paris como “Cidade das Luzes” e, por intermédio da figura do *flâneur*, apresenta um andarilho que enxerga além do óbvio; seu olhar é atento não somente à superfície dos grandes centros, mas vai além, conseguindo submergir no precário e no provisório do submundo, e performatizando uma escrita e a vivência que se atualizará em tempos e espaços urbanos complexos.

Augusto/Epifânio é um *flâneur* carioca, um signo que permanece, uma alegoria baudelairiana que apresenta um personagem que perambula no espaço urbano do submundo dos desassistidos. Realiza percursos por áreas provisórias, mas nunca ao acaso.

Nitidamente, Baudelaire foi um perspicaz observador de seu tempo. Sobre isso, e, considerando a influência marxista de Walter Benjamin na obra *Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo* (1989), destaca-se o herói em sua aparência moderna:

É impossível não ficar emocionado com o espetáculo dessa multidão doentia, que traga a poeira das fábricas, inspira partículas de algodão, que se deixa penetrar pelo alvaiade, pelo mercúrio e todos os venenos usados na fabricação de obras-primas. Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a Terra lhe deve. Sente borbulhar em suas veias um sangue púrpura e lança um olhar demorado e carregado de tristeza à luz do Sol e às sombras dos grandes parques. (BENJAMIN, 1989, p.73)

Benjamin faz uma análise da arquitetura poética baudelairiana na qual a cidade transforma-se em objeto poético.

Por detrás das máscaras que usava o poeta em Baudelaire guardava o incógnito. O tanto que tinha de provocador no trato, tinha de prudente em sua obra. O incógnito é a lei de sua poesia. Sua versificação é comparável à planta de uma grande cidade, na qual alguém pode movimentar-se despercebido, encoberto por quarteirões de casas, portais, cocheiras e pátios. Nessa planta indicam-se às palavras seu lugar exato, como aos conspiradores antes da eclosão da revolta. Baudelaire conspira com a própria língua, calcula os seus feitos passo a passo. Que sempre tenha evitado descobrir-se frente ao leitor atraiu os mais capazes. (BENJAMIN, 1989, p. 95).

Emerge nas ruas, a figura emblemática do *flâneur* abandonado nesta multidão. Por isso, partilha a situação de mercadoria. Embora consciente dessa situação, o espetáculo da multidão agia sobre ele. Ele se mantinha consciente dessa realidade social, porém, da forma que os “inebriados ainda permanecem conscientes das circunstâncias reais” (BENJAMIN, 1989, p. 55). Não somente a cidade londrina de Engels produzia essa multidão inebriada, mas também, outras urbes compartilham da mesma mecanização dos transeuntes.

Ainda se apreciavam as galerias, onde o flâneur se subtraía da vista dos veículos que não admitem o pedestre como concorrente. Havia o transeunte, que se enfia na multidão, mas havia também o flâneur, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade. Ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra a sua industriiosidade. Por algum tempo, em torno de 1840, foi de bom-tom levar tartarugas a passear nas galerias. De bom grado, o flâneur deixava que elas lhe prescrevessem o ritmo de caminhar. Se o tivessem seguido o progresso deveria ter aprendido esse passo. (BENJAMIN, 1989, p.50).

Associando as cenas do conto *A Arte de Andar nas Ruas do Rio de Janeiro* com o pensamento Benjaminiano, captamos dos habitantes da urbe uma insensibilidade frente as aflições das pessoas que dividem o cenário urbano. Esse olhar apático é notado, por exemplo, em uma das andanças que Augusto realiza com Kelly, quando sua acompanhante, ao visitar a casinhola de papelão da família Benevides, mantém-se à distância, incomodada pelo odor álcool e sujeira do patriarca da família de moradores de rua. Além disso, a urbe tumultuada aparece como reflexo de um tempo de insensibilidades e a cidade antiga, a que resiste apenas na memória, está definitivamente perdida, restando apenas o lamento da personagem: “antigamente era melhor (...) tinha menos gente e quase não havia automóveis e as pessoas tinham menos pressa” (FONSECA, 2009, p. 59).

Depois de consolidada a República, fez-se urgente modificar as feições de uma cidade colonial para uma cidade moderna. Um cosmopolitismo fortemente identificado com a vida parisiense. Neste sentido, Gomes (2008):

Destruir para construir, apagar o passado identificado com o atraso. Mudança na esfera física, material e também na simbólica, na ordem dos signos. O plano da cidade ideal é a referência para a cidade real. Quantitativamente esta deveria ajustar-se ao valor de qualidade daquela, para atender às demandas das elites. A simetria, porém, se rompe pela ação da desordem dos eventos da cidade real que surgem na cena, mesmo enfrentando os mecanismos de controle oficial. (GOMES, 2008, pp.114-116).

Nesse processo de apagamento da cultura nacional, rejeita-se aquilo que poderia comprometer a aparência de modernidade, dando-se lugar à encenação de progresso e de um Rio plenamente civilizado. Os subúrbios, conforme ratifica Gomes, são os que não têm espaço próprio, ficando os excluídos à margem do progresso.

Esta cidade real, por onde circulava uma rica tradição popular, não cabia na versão da ordem. Era vista obscena, ou seja, deveria estar fora de cena, para não manchar o cenário - construído pelo hino claro e alegre das picaretas regeneradoras [...]. Protagonista de uma consciência urbana moderna que se modelava à custa da negligência para com os subúrbios, este periódico revelava o entusiasmo diante da cidade que se modernizava e apoiava logisticamente as medidas governamentais. (GOMES, 2008, p.116).

O flâneur acompanha, desta forma, em cada passo o ritmo frenético da metrópole. Locomove-se a pé e sem pressa, sem ser notado na urbe e sem se misturar na paisagem,

contrapondo-se ao burguês. Devido a este andar contemplativo, não deixa escapar de seu campo de visão os sujeitos não visíveis e as paisagens não alcançadas no espaço urbano. Paradoxalmente, mesmo estando em todos os lugares, ele não se sente pertencente a nenhum espaço. É um personagem fruto da Era Moderna.

PERSONAGENS CIDADINOS EM MOVIMENTO NOS CONTOS DE RUBEM FONSECA

Dalcastagnè, na obra *Literatura e Exclusão* (2017), compreende o lixo das grandes metrópoles, alegoricamente como às massas de anônimos excluídos do progresso, aos esquecidos: “lixo urbano e lixo humano: corolários dos processos acelerados de uma globalização desigual, assimétrica e antiecológica” (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, 45).

O conjunto de obras promovidas neste plano de remodelação da cidade, não buscava somente o aspecto arquitetônico, mas, além disso, expulsar a população pobre do centro sob o pretexto de “modernização” e “europeização”. Fenômeno presente no conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*, quando o personagem Benevides, morador da marquise do Banco Mercantil do Brasil, revela a ameaça de banimento do lugar em que mora em função de projeto de limpeza estética do centro da cidade: “estão dizendo que vai ter aqui na cidade um grande congresso de estrangeiros e que vão querer esconder a gente dos gringos. Não quero sair daqui” (FONSECA, 2009, p. 56).

Em outros contos de Fonseca, a cidade comparece como espaço dividido por sujeitos que ora praticam a violência, ora são vítimas dela. Nessas narrativas, perde-se o andarilho em busca dos sentidos da cidade e instaura-se o sujeito que nasce da própria incapacidade de pertencimento a cidade, no que ela poderia ter positivo e acolhedor. Ao contrário, movimenta-se nos submundos, experiencia a violência, seja como agente ou vítima, é fruto da cidade dividida e hierarquizada.

O conto *O cobrador* (1979), narrado em primeira pessoa, é apresentado com os atos de extrema violência num consultório dentário, quando o dentista, Dr. Carvalho, cobra pelo serviço prestado. Neste momento, o personagem que, embora não tenha o nome apresentado no conto, automeu-se como “o cobrador”. Este personagem revela toda a fúria que sente pela sociedade, principalmente em relação àqueles mais favorecidos do que ele, pois considera que os mesmos devem algo a ele, o que justificaria, de acordo com a sua concepção, seus atos de extrema crueldade: “eu não pago mais nada, cansei de pagar! gritei para ele, agora eu só cobro! (...) estão me devendo comida, namorada, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo”. (FONSECA, 1979, p.163). Ele cobra da sociedade tudo de que se acha merecedor e que lhe foi negado. Todos os seus movimentos pela urbe, seja nas periferias, seja nos espaços elitizados, são marcados pela violência e pela urgência em tomar de volta o que, segundo sua lógica homicida, suas vítimas estavam lhe devendo.

Imersos em um universo de pobreza, *Feliz Ano Novo* (2012), narrado em primeira

pessoa, apresenta três assaltantes planejando um delito: Zequinha, Pereba e o narrador-personagem. Estes tramam mais um crime que ocorrerá no réveillon, na Zona Sul da cidade. O ambiente em que ocorre o encontro é em um apartamento paupérrimo descrito como desprovido de higiene, comida, água e luxo. As escadas “imundas e arrebetadas” (FONSECA, 2012, p. 5).

Diferente dos dois contos analisados anteriormente, *Passeio Noturno parte I e II* (2012) retratam a violência que não é desencadeada pela negação ou privação, mas das perdas afetivas dos personagens. O narrador-protagonista que, assim como *O Cobrador*, também não tem o nome revelado, é sujeito elitizado, alto executivo frio e calculista, que comete os crimes à noite, quando acredita ter menos testemunhas para os atos de crueldade, utilizando para isso um carro luxuoso. É um psicopata que sente prazer em cometer atrocidades contra transeuntes anônimos. Não há “uma motivação clara aos atos violentos”, Ginzburg (2012), na obra *Crítica em tempos de violência*, acrescenta:

Em *Passeio Noturno*, o problema da motivação é desenvolvido como enigma da ausência, com relação ao qual o leitor deve problematizar sua perspectiva. Por que matar daquela forma? O vácuo de ligações pessoais e afetivas entre o assassino e seu alvo, o caráter aleatório da definição de quem vai morrer e a clandestinidade impune caracterizam a ação violenta como centrada em si mesma. O prazer associado ao ato de matar, sugerido como interesse que motiva um costume regular, ao mesmo tempo em que banaliza a morte, eleva a violência à condição de forma de afirmação subjetiva, de exercício de manipulação destrutiva do outro. (GINZBURG, 2012. pp. 453-454).

Assim como em *Feliz Ano Novo*, o personagem do conto *O cobrador* pertence a uma classe menos privilegiada, a classe pobre, que pretende imitar o estilo de vida dos ricos, desenvolve com isso uma patologia decorrente deste desejo desenfreado. Nota-se aproximações entre os dois contos, quando o luxo dos ricos causa nestes personagens um desejo de revolta e cobiça. Já no conto *Passeio Noturno I e II*, o narrador-personagem pertence a classe privilegiada: “mas há um componente humano, demasiado humano, nesse instinto animal socialmente nutrido: a cobiça, instigando o misérrimo a desejar a qualquer preço o que lhe falta e que parece sobrar apenas ao miserável.” (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p.78).

O personagem citadino de *Arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* delinea no conto um andar circular que se inscreve na narrativa, revelando os efeitos da dinamicidade da urbe tumultuada atrelada ao crescimento e às relações sociais demarcadas no contorno de um percurso provisório. Assim, a tradução da cidade, uma categoria complexa e instável, devido ao questionamento da representação, que não é linear.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pós-modernidade, o sujeito não se fixa em um determinado centro, assim como Augusto não se ajustava no ritmo de vida acelerado da urbe, conforme se constata nos contos

fonsequeanos. Este sujeito pós-moderno, por consequência desta nova configuração, não se organiza em torno de um “eu” coerente.

A estrutura social nas grandes cidades encontra-se abalada pelas faces da violência. Observando as narrativas citadas, pode-se afirmar que a cidade é apresentada como palco de violência, tanto pelos pobres, quanto pelos ricos. “a violência, contra tudo e todos, é a marca definidora” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 85). Vale aqui evocar o contexto histórico em que estas obras foram escritas:

O autoritarismo militar empregava sistematicamente a violência como instrumento de controle social (...) era como se esses autores afirmassem que a realidade social é violenta e autodestrutiva em consequência de uma violência maior do próprio sistema. (GINZBURG, 2012, p. 452).

Assim, alicerçado em nossas análises sobre a obra *A arte de andar nas Ruas do Rio do Janeiro* e, outros contos, Fonsecaanos, podemos destacar: os percursos contidos no conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro* evidenciam a dinamicidade da urbe, materializada no andar circular do personagem Augusto/Epifânio; o signo do *flanêur baudelairiano* permanece na figura de Augusto/Epifânio no conto *A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro*; a violência e marginalização nos contos fonsequeanos afligem a estabilidade nas grandes metrópoles, fato amplificado em outras cidades brasileiras. E, por fim, a sociedade moderna, fruto do capitalismo, contribui para a dispersão do sujeito e leva, de certa forma, a perda dos lugares afetivos marcados pelos emblemas das megalópoles contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **O pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DALCASTAGNÈ, R.; EBLE, L.J. (Orgs.). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2017.

DALCASTAGNÈ, R. (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

FONSECA, R. **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. **O cobrador**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

_____. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **Lúcia McCartney**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

GINZBURG, J. **Críticas em tempos de violência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2012.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PEREIRA, C. A. M. “**O Brasil do sertão e a mídia televisiva**.” In: PEREIRA, C. A. M. (Org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 113-143.

RIO, J. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1995.

SCHOLLHAMMER, K.E. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Caeiro 158, 161, 163

Alciene Ribeiro 120, 121, 123, 124, 126

Ana Miranda 98, 101

Antoine de Saint-Exupéry 29, 41

Aprendizagem 18, 20, 21, 25, 26, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57

B

Bolívia 1, 2, 3, 5, 6

Brasil 1, 2, 3, 6, 17, 45, 47, 48, 49, 51, 53, 56, 62, 70, 83, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 110, 118, 119, 121, 129, 137, 140, 143

C

Ciberespaço 83, 85, 88, 89, 90, 91

Cidade 15, 58, 60, 64, 69, 73, 75, 76, 103, 118, 121, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144

Ciência 26, 28, 32, 33, 70, 93, 101, 114, 117, 152, 155, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173

Conto 38, 47, 56, 120, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139

Criança 5, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 86, 117, 160

Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 30, 51, 59, 61, 70, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 96, 105, 110, 112, 129, 133, 136, 145, 165, 172

D

Daniel Kehlmann 165

Desenvolvimento 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 45, 46, 47, 48, 51, 55, 56, 57, 58, 62, 70, 84, 85, 86, 87, 90, 102, 105, 133, 134, 169, 170

Drummond 24, 149, 150, 153, 154, 155, 157

E

Educação infantil 10, 13, 14, 17, 18, 21, 23, 27, 28, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Ensino 3, 7, 20, 21, 23, 28, 43, 44, 45, 49, 51, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 65, 69, 70, 72, 88, 141, 174

Erotismo 97, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157

Escola 2, 5, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 50, 51, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 67,

68, 69, 70, 85, 88, 117, 118, 128, 141

Ésquilo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 80

Existência 3, 21, 26, 29, 30, 33, 35, 37, 38, 39, 40, 48, 59, 60, 61, 64, 77, 103, 107, 114, 115, 132, 143, 146, 159, 163, 168

F

Fala 1, 2, 3, 6, 7, 12, 13, 22, 24, 25, 28, 45, 48, 61, 67, 128

Filosofia 7, 8, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 72, 78, 80, 81, 82, 131, 160, 161, 164, 169

França Pinto 141, 144

Fronteira 1, 3, 139

J

José de Alencar 92, 93, 95, 96

Justiça 6, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 115

Juventude 83, 85, 86, 87, 91, 143, 146

L

Leitura 3, 7, 15, 16, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 45, 47, 48, 49, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 78, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 100, 109, 114, 116, 122, 129, 150, 171

Linguagem 1, 2, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 25, 26, 28, 30, 47, 53, 60, 61, 99, 100, 109, 111, 132, 149, 163, 170, 172

Literatura 1, 2, 3, 7, 13, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 81, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 100, 109, 111, 113, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 137, 139, 140, 143, 145, 157, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174

Literatura contemporânea 127, 128, 129

Literatura infantil 18, 19, 21, 22, 23, 26, 27, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57

M

Machado de Assis 113, 114, 118, 129

Metaficção histórica 98, 104

Modernismo 69, 111, 149, 150

Mortalidade materna 92, 93, 96

Mundo 1, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 15, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 84, 86, 88, 90, 91, 101, 105, 106, 107, 121, 134, 151, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 165, 167, 168, 170, 171, 172, 173

O

Ontologia 2, 8, 29, 36, 158, 160, 161, 162, 163

P

Paternidade 113, 117, 118

Patriarcado 113, 114, 115

Paul Ricoeur 71, 72, 78, 80, 82

Perda gestacional 92, 93, 95, 96

Poesia 8, 15, 17, 24, 25, 27, 29, 59, 134, 135, 141, 144, 149, 152, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

R

Realismo 69, 128, 129

Romantismo 69, 93, 142

Rubem Fonseca 127, 128, 129, 130, 137

S

Século XXI 83, 91, 167

Seringueiro 1, 2, 3, 5, 6

Servidão 120, 122, 125

Submissão 1, 10, 43, 71, 83, 103, 120, 122, 124, 125, 127, 149, 165

T

Tradição oral 10, 11, 13, 14, 16, 45

U

Urbano 86, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137

V

Viagem 106, 117, 165, 166, 167

Vingança 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 151

Violência 77, 78, 79, 104, 107, 108, 126, 127, 128, 132, 133, 137, 138, 139, 140, 151, 152



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Literatura

e a reflexão sobre os processos de
simbolização do mundo

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br